

GÊNERO, DISCURSO E SENTIDO: PROFISSÃO MASCULINA E PROFISSÃO FEMININA NO LIVRO DIDÁTICO

Florisbete de JESUS SILVA¹
Edvânia GOMES DA SILVA²
Adilson VENTURA DA SILVA³

Resumo: Este artigo é resultado de uma pesquisa acerca das representações de gênero e atividade profissional no livro didático, a qual buscou responder ao seguinte questionamento: Que sentidos acerca de profissão feminina e profissão masculina são construídos nas propostas de atividades e sugestões de respostas dos autores da coleção didática *Português Linguagens*, destinada aos anos finais do Ensino Fundamental? Para tanto, fizemos recortes dessa coleção, os quais foram analisados segundo conceitos da teoria pós-estruturalista de gênero, em diálogo com a concepção pècheutiana de discurso e sentido. Os resultados revelaram que, quando se fala sobre atividade profissional que homens e mulheres exercem, a desigualdade ainda é uma marca dos discursos em livros didáticos.

Palavras-chave: Gênero. Discurso. Sentido. Profissão. Livro Didático.

Considerações iniciais

Quando se fala em gênero na sociedade atual, é possível situá-lo num lugar do debate político, uma vez que suas definições estão atravessadas por ideologias que o posicionam em lugares distintos, e os discursos a ele referentes são marcados por sentidos múltiplos e conflituosos, os quais têm influenciado as mobilizações feministas e

¹ UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Programa de Pós-graduação em Linguística. Vitória da Conquista – Bahia – Brasil. 45083-900. florisbete@gmail.com

² UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Departamento de Estudos Linguísticos e Literários. Vitória da Conquista – Bahia – Brasil. 45083-900. edvania_g@yahoo.com.br

³ UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Departamento de Estudos Linguísticos e Literários. Vitória da Conquista – Bahia – Brasil. 45083-900. adilson.ventura@gmail.com

antifeministas ao longo das últimas décadas, contribuindo não só para diversos equívocos, como também para o olhar sobre o gênero como um dos espaços da contestação e da luta de classes.

As questões relacionadas ao gênero não dizem respeito apenas às mulheres, elas incluem também os homens, a simbologia ligada à feminilidade e à masculinidade, como aquela materializada na corporeidade, nos espaços públicos e privados, nas atividades desenvolvidas por ambos na sociedade, nos aspectos culturais e identitários, dentre tantos outros.

Nesse contexto, o objetivo deste artigo é apresentar algumas considerações acerca das representações de gênero e atividade profissional no livro didático, especificamente, como os sentidos relacionados à profissão feminina e profissão masculina são produzidos em discursos inseridos nas propostas de atividades e sugestões de respostas dos autores. Para tanto, serão utilizados recortes da coletânea didática *Português: Linguagens*⁴, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, destinada ao professor.

Para subsidiar a discussão, apresentamos algumas reflexões acerca de gênero, advindas de teorias que vêm construindo e desconstruindo conceitos ao longo da história, permitindo reconfigurações que têm marcado seus significados nesse percurso histórico-social. Ao mesmo tempo, utilizamos a concepção pècheutiana de discurso e sentido, visando entender como as questões referentes ao gênero estão imbricadas politicamente em determinadas práticas discursivas, e como alguns estereótipos são legitimados por elas.

A noção de discurso e sentido, para Pêcheux

O discurso, numa concepção pècheutiana, é efeito de sentidos entre interlocutores, os quais representam lugares determinados na estrutura social. Ele põe em relação sujeitos afetados pela língua e pela história, constituindo-os e ao mesmo tempo produzindo sentidos. Para Pêcheux (1969 in GADET; HAK, 1993, p. 76-77), o discurso nem é social nem individual, ele é “um mecanismo em funcionamento, pertencente a um sistema de normas que derivam de uma ideologia política”.

⁴ A opção por esta coletânea didática justifica-se pelo fato de a mesma ser o objeto de análise da pesquisa de Mestrado, na qual estamos discutindo o sentido do masculino e do feminino nas atividades e sugestões de respostas elaboradas pelos referidos autores.

Pêcheux compreende a ideologia como um processo de manutenção das diferenças nas relações sociais. É ela que determina, pelo discurso, como as coisas são, como elas devem ser, ela “fornece as evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’, e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados”. Esse sentido não é óbvio, mas “determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas” (PÊCHEUX *in* ORLANDI, 2014a, p. 146).

Desse modo, o sentido não está inserido num local determinado do discurso, como se fosse transparente, à espera de ser identificado. Sua constituição se dá mediante interação entre discurso, sujeito e história, na inter-relação de diferentes discursos. Para fazer sentido, o sujeito é mobilizado pela memória discursiva, a qual “se constitui pelo já-dito que possibilita todo dizer” (o pré-construído). Esse saber discursivo é que torna o dizer possível, definindo as posições de onde os sujeitos enunciam (ORLANDI, 2007, p. 64).

Segundo Zílio (2013, p. 2), “os pré-construídos dos sujeitos se articulam ao construído para comporem o sentido a fim de colaborarem com a interpretação e possibilitar ao sujeito compreender o discurso com aquilo que já viveu ou viu”, reconhecendo-se no que produz. Por esse motivo é que há uma tentativa de construir os sentidos pelo viés da obviedade, mas o discurso é heterogêneo, por isso é constituído pelo que é contraditório, opaco, pelas falhas.

As concepções de gênero e seus efeitos de sentido

Analisando os movimentos feministas que se apropriaram da palavra “gênero” para designar socialmente o feminino e o masculino nos anos de 1970, é possível aproximá-los do que Pêcheux (*in* ORLANDI, 2014a) denomina como *lutas ideológicas de movimento*, por serem marcados pelo embate, pela disputa e pela contestação. Com os referidos movimentos, o gênero passou a ser utilizado como “um termo de referência que atravessa o espectro político, com efeitos às vezes muito diferentes daqueles que as feministas originalmente intencionaram” (SCOTT *et al.*, 2012, p. 331).

Para melhor compreender essa aproximação, é necessário retomar alguns conceitos de gênero que movimentaram a sociedade, dividindo opiniões, contribuindo para que novos posicionamentos e papéis fossem assumidos, tanto por homens quanto por mulheres. Pesquisadoras feministas, como é o caso de Joan Scott, Amélia Valcárcel e Guacira Louro, afirmam que os movimentos em prol da visibilidade feminina passaram por três fases distintas (também denominadas ondas), constituintes de momentos marcados por posições ideológicas diferentes.

A negação da ideia de que a identidade biológica era a única forma de se identificar o ser homem e o ser mulher na sociedade marcou a primeira onda do movimento feminista. Isso porque, para Valcárcel (2004), tal concepção legitimava a exclusão das mulheres das políticas sociais, do campo dos bens de direitos, uma vez que ser fêmea a colocava numa posição de inferioridade, de submissão. Ele representava a cultura, a intelectualidade, a razão, as instituições. Ela, a natureza, por isso estava destinada a cumprir apenas o seu papel de reproduzir a espécie, ser esposa e mãe.

Segundo Beauvoir, enquanto o corpo masculino era visto como “uma relação direta com o mundo”, o corpo feminino era considerado como algo “sobrecarregado por tudo o que o especifica: um obstáculo, uma prisão”. E essa relação da identidade biológica com o público e o privado criou condições de desigualdade entre os dois sexos, contribuindo para que os homens sempre estivessem em condições mais vantajosas que as mulheres (BEAUVOIR, 1970, p. 10).

Esse contexto provocou a discussão entre feministas, de que a fisiologia genital era a responsável pelos tratamentos díspares recebidos por mulheres e homens na sociedade, colocando estes numa posição de superioridade em relação àquelas, naturalizando, desse modo, discursos propagadores da desigualdade e exclusão social, dentre eles o discurso de negação ao direito de votar (SCOTT *et al.*, 2012). Assim, há uma reivindicação das mulheres por uma educação igual à oferecida aos homens, bem como pela participação social e política feminina, começando pelo direito ao voto (ALVES; PITANGUY, 1991; VALCÁRCCEL, 2004).

Esse acontecimento que marca a luta das mulheres pela participação política institui a segunda onda do movimento, marcada pela continuidade da luta pelos direitos à educação, já que a conquista anterior limitou-se ao antigo ensino primário, somando-se à luta por direitos políticos e melhores condições de trabalho. Também foi chamada de

sufragista, por destacar o direito ao voto como ponto central na pauta de manifestações. (*Idem*).

A terceira onda traz para os espaços de discussão novos dizeres sobre o ser mulher e o ser homem. Estudos realizados por Beauvoir (1967; 1970) desconstroem enunciações de que a falta de inteligência é intrínseca à natureza feminina, de que o homem já nasce com a intelectualidade, daí ser natural determinar que os espaços de decisões políticas, das instituições escolares, os melhores salários, os melhores cargos no mercado de trabalho, dentre tantos outros benefícios, sejam destinados a eles. Beauvoir discute, dentre tantos outros assuntos, a forma como a mulher aprende, como vivencia suas experiências, como resiste à alienação, apesar de muitas vezes ser educada para tal.

Para a autora, “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Em outras palavras, o ser humano aprende, nas relações sociais, a ser homem e a ser mulher, aceitando como naturais as normas de comportamento estabelecidas para cada um. E para cumprir tais normas, ambos são educados de forma diferente, com regras de comportamento distintas. A elas é imposta a disciplina, para aprenderem a ser mulher, a se comportarem como mulher, a ter sentimentos rotulados como tipicamente femininos. A eles é apresentada a liberdade e a autonomia, a fim de aprenderem a ser fortes, superiores (BEAUVOIR, 1967).

As discussões da referida autora contribuíram para o surgimento de novas concepções acerca das condições e identidades vividas por homens e mulheres na sociedade, o que possibilitou a construção de outros sentidos para a categoria de gênero. Em 1986, a historiadora Joan Scott publica o artigo intitulado “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, no qual aponta a existência de “ligações explícitas entre o gênero e o poder”. Influenciada pelas ideias foucaultianas, Scott define o gênero como um saber sobre as diferenças sexuais, sendo nessa relação entre saber e poder que os sentidos de ser homem e de ser mulher se constituem. Para a autora, o gênero “se refere à oposição homem/mulher e fundamenta ao mesmo tempo o seu sentido”. Diz, ainda, que “a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se, ambos, partes do sentido do próprio poder”. Chama a atenção, também, para a importância de se compreender que “o gênero tem que ser redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclui não só o sexo, mas também, a classe e a raça” (SCOTT, 1989, p. 10-11).

Em 1990, Judith Butler publica *Problemas de Gênero*, obra na qual afirma que a consciência de ser mulher ou homem é desenvolvida no meio em que se vive, influenciada por fatores sociais diversos. O gênero, diz a autora, “estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas”. (BUTLER, 2015, p. 21).

Sendo assim, o conceito de gênero é desconstruído, passando a englobar concepções mais amplas, envolvendo “todas as formas de construção social, cultural e linguística, implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens”, marcadas por diversos fatores inerentes à vida de ambos, como “a classe, a raça, a etnia, a sexualidade, geração, religião, nacionalidade” (MEYER, 2003, p. 16-17).

Esses acontecimentos políticos ganharam força no Brasil, segundo Corrêa (2001), em 1970, articulados com outros movimentos sociais que aqui aconteciam, os quais lutavam por “direito à moradia, melhores condições de vida, até a construção de creches em fábricas e universidades, como também pela anistia para os presos políticos, contra o racismo, pelos direitos dos indígenas e homossexuais” (p. 13-14).

Nesse período há “uma efervescência social e política, de contestação e de transformação”, provocando a união de etnias, classes, identidades e culturas diferentes, cujas vozes expressaram sua “inconformidade e desencanto em relação aos tradicionais arranjos sociais e políticos, às grandes teorias universais, ao vazio formalismo acadêmico, à discriminação, à segregação e ao silenciamento” (LOURO, 2003, p. 16).

É possível dizer, partindo da teoria pêcheutiana (PÊCHEUX *in* ORLANDI, 2014b), que as posições ideológicas que se confrontaram nesse debate político acerca das relações de poder entre mulheres e homens determinaram (e ainda determinam) a reconfiguração do sentido de gênero, o qual vai adquirindo novas configurações de acordo com os lugares de onde falam os sujeitos que o empregam. Afinal,

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação (PÊCHEUX, 2006, p. 53).

É nesse sentido que gênero é “um lugar para a contestação política, um dos locais para a implantação do conhecimento pelos interesses do poder”, um lugar que possibilita múltiplas interpretações, bem como posições ideológicas distintas, onde os sentidos do masculino e do feminino tomam proporções diversas, influenciados por discursos que propõem uma análise das relações de gênero, atentando-se para as diferenças, para os modos distintos de entender o corpo, para a igualdade/diferença que constituem as subjetividades masculina e feminina (SCOTT *et al.*, 2012, p. 346).

Inicia-se então uma ligação entre o movimento político feminista e os primeiros estudos centrados no feminino, denominados por Louro (2003) como *os estudos da mulher*. As características iniciais desses estudos, segundo a autora, consistiam em relatos descritivos sobre a vida das mulheres, as condições de sobrevivência e de trabalho que lhes eram oferecidas em diferentes situações e espaços sociais. Para a educadora, “estudos das áreas da Antropologia, Sociologia, Educação, Literatura etc. apontam ou comentam as desigualdades sociais, políticas, econômicas, jurídicas, denunciando a opressão e submetimento feminino”.

Louro faz uma análise desses primeiros estudos, ressaltando sua importância, principalmente pelo fato de que:

Acima de tudo, eles tiveram o mérito de transformar as até então esparsas referências às mulheres — as quais eram usualmente apresentadas como a exceção, a nota de rodapé, o desvio da regra masculina — em tema central. Fizeram mais, ainda: levantaram informações, construíram estatísticas, apontaram lacunas em registros oficiais, vieses nos livros escolares, deram voz àquelas que eram silenciosas e silenciadas, focalizaram áreas, temas e problemas que não habitavam o espaço acadêmico, falaram do cotidiano, da família, da sexualidade, do doméstico, dos sentimentos. Fizeram tudo isso, geralmente, com paixão, e esse foi mais um importante argumento para que tais estudos fossem vistos com reservas. Eles, decididamente, não eram neutros. (LOURO, 2003, p. 19)

Apesar desses avanços, ainda é possível identificar práticas discursivas marcadas por concepções excludentes e misóginas, as quais ainda apontam para a desigualdade entre homens e mulheres, e o livro didático tem sido, segundo a autora, propagador de tais práticas, apresentando mulheres e homens em espaços sociais distintos, eles no espaço público, elas no doméstico, realizando atividades também diferenciadas.

Análise do corpus

O *corpus* que propomos analisar consiste em quatorze recortes de propostas de atividades e sugestões de respostas dos autores da coleção didática *Português: Linguagens*, destinada aos anos finais do Ensino Fundamental. Seleccionamos apenas os recortes que remetem a profissões, visando analisar se há sentidos diferentes construídos pelos enunciadores, quando essas profissões estão relacionadas ao masculino e ao feminino. Como nosso objetivo foi analisar também as sugestões de respostas, escolhemos o livro do professor como objeto de análise.

Português: Linguagens, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, lançado em 2012, pela Editora Saraiva, foi uma das coleções aprovadas pelos avaliadores do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), para utilização nos anos de 2014 a 2016. De acordo com o portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), foi a coleção mais distribuída, chegando a um total de 3.172.012 exemplares. Cada capítulo do livro está organizado em cinco seções: Estudo do Texto; Produção do Texto; Para Escrever com Adequação; A Língua em Foco; De Olho na Escrita. Duas dessas seções têm tópicos como parte dos seus constituintes. Assim, na primeira seção estão os tópicos Cruzando Linguagens, Trocando Ideias e Ler é Prazer; na quarta, os tópicos Construindo o Conceito, Na Construção do Texto e Semântica e Discurso.

Iniciaremos agora a análise dos recortes:

R1: Ronaldo é um senhor jogador.⁵

Mamãe é uma **senhora doceira**.

(LD do 6º ano, questão 7 do tópico *Semântica e Discurso*, alternativas *a* e *d*, p. 147).

Como sugestão de resposta para o significado das expressões destacadas no recorte um (R1), há uma afirmação de que *senhor jogador* significa “um jogador notável, de peso”, e que *senhora doceira* é quem “entende muito da arte de fazer doces, uma excelente doceira”. Assim, parece possível dizer que os enunciadores têm uma concepção de que a língua é transparente, de que existe um sentido óbvio nos enunciados, mas o discurso que aí se instaura nos aponta uma ideologia funcionando, nos apresenta a língua

⁵ O negrito é grifo dos autores.

marcada pela opacidade, “atravessada pelo espaço de transformações do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações” (PÊCHEUX, 2006, p. 51).

A partir da concepção pêcheutiana de discurso, é possível dizer que os sujeitos enunciativos do recorte supracitado são interpelados por ideologias que dizem respeito ao gênero, as quais posicionam o homem (representado por Ronaldo), e a mulher (representada pela mãe), em lugares não só opostos, mas marcados por discursos que determinam ocupações femininas e ocupações masculinas. Nesse sentido, é possível interpretar que, no dizer dos enunciativos, futebol é uma tarefa para homens, e fazer doces é uma tarefa para mulher. Além disso, apesar de realizar seu trabalho com excelência, ela não pode ser uma doceira de peso. Isso tudo aponta para uma memória que marca homens e mulheres como diferentes, como sujeitos que assumem certas funções (e não outras) na sociedade.

Perpassadas historicamente por sentidos múltiplos, as metáforas⁶ destacadas no recorte parecem remeter a um discurso legitimado por décadas em nossa sociedade, de que o lugar do homem é no espaço público, assumindo uma profissão que o identifica, de algum modo, numa posição de prestígio (se pensarmos aqui no jogador como atleta), enquanto o lugar da mulher é no ambiente privado, especificamente na cozinha. Embora a profissão de doceira tenha conquistado cada vez mais a visibilidade, a presença da mãe pode ser relacionada com outros sentidos, inclusive aquele que reitera o discurso ideológico da “Rainha do Lar”.

De acordo com os enunciativos, as palavras *senhor* e *senhora* são usadas como superlativos. Todavia, se tomarmos como princípio de análise o fato de que “as palavras mudam de sentidos segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX, 2014b, p. 146-147), é possível dizer, de um outro lugar, que os sentidos que aí se inscrevem podem ser outros. Algo interessante para se refletir a esse respeito é que, diferentemente de *senhora*, a palavra *senhor* possibilita um outro sentido, se for relacionada a *idoso*. Ou seja, como os atletas encerram sua carreira ainda cedo, um *senhor* que gosta de jogar realiza essa atividade não como profissão, mas como uma forma de manter a saúde, um lazer. Já no caso de *senhora* é diferente, mesmo a palavra mudando

⁶ Metáfora, aqui, está sendo utilizada a partir da concepção pêcheutiana de efeito metafórico, como um fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, produzindo um deslizamento de sentido.

de sentido, a possibilidade de trabalho continua, intensificando-se com a idade. Afinal, circula na sociedade o discurso de que, quanto mais velha, melhor é a mulher cozinheira, o que parece reiterar a relação da figura feminina com o espaço da cozinha.

Esses discursos podem representar o que Louro (2003) denomina como o campo mais eficaz para o fortalecimento das disparidades, por atravessar muitas práticas discursivas, naturalizando ideologias que reiteram as desigualdades entre homens e mulheres. São discursos retomados da memória discursiva, definindo as posições de onde os sujeitos enunciam. Essa memória não é biológica, mas uma estruturação de materialidade discursiva que funciona antes, em outro lugar e independentemente do sujeito, restabelecendo o pré-construído, ou seja, o que já está aí, remetendo a algo já conhecido, o já dito no enunciado (PÊCHEUX, 2007; 2014b).

O recorte que segue faz parte de uma proposta de atividade na qual o aluno é chamado à atenção para o fato de o artigo adquirir sentidos diferentes em certas situações. Há uma solicitação para que o discente, na questão número 04, reescreva as frases, substituindo os artigos por palavras com sentidos equivalentes, e na questão 05, explique a diferença de sentido, considerando o artigo definido.

R2: Ela se tornou **a** poderosa da empresa.

Ele pretende ser **chefe de cozinha**.

Ele pretende ser **o chefe de cozinha**.

Ele pretende ser **o** chefe de cozinha.

(LD do 6º ano, questão 4, alternativa *c*, e questão 5, alternativa *a*, do tópico Semântica e Discurso, p. 163).

É possível fazer algumas inferências, se compararmos esse recorte com o anterior. Primeiro, ele permite a interpretação de que há uma troca de papéis entre o feminino e o masculino, estabelecida na prática discursiva dos enunciadores. A profissão do homem está em consonância com o espaço privado, enquanto a profissão da mulher está em oposição a este. Todavia, como o lugar de observação que se instaura aqui é marcado pela opacidade, pelas diversas possibilidades de sentidos, o discurso da paridade entre mulheres e homens não é o único que aí se insere.

Embora os artigos sejam o foco de atenção na proposta, há outros elementos linguísticos que podem apontar para a presença de discursos cristalizados acerca de gênero. Um desses elementos é a presença do adjetivo *poderosa*, referindo-se à mulher,

e o ocultamento do mesmo, quando se refere ao homem, marcado pela elipse existente no artigo destacado: *o chefe de cozinha*, que significa, de acordo com a sugestão de resposta no livro, **o melhor**. Nesse caso, parece haver uma necessidade de se acentuar que, para uma mulher ocupar o espaço que há séculos foi determinado como o lugar do masculino, é preciso que ela demonstre não apenas sua competência, mas que conquiste esse espaço mediante habilidades para lidar com as relações de poder. Já no que se refere ao homem, os sujeitos enunciativos parecem falar de um lugar cujo discurso aponta para um pré-construído que nos possibilita pensar que esse poder é inerente ao masculino, daí a irrelevância de acentuá-lo, ou então que, como há um discurso que identifica a cozinha como um espaço feminino, o homem precisa se empenhar bastante para estar ali, desenvolvendo uma atividade que por muito tempo foi determinada como ocupação da mulher.

Ainda sobre essa questão referente aos adjetivos, na expressão *a poderosa da empresa* o artigo insere no adjetivo, segundo a resposta sugerida no livro, dois sentidos: *a única; a mais*. Já a expressão *o chefe de cozinha* apresenta apenas um sentido: *ser o único*. É possível dizer, diante das sugestões de respostas, que os sujeitos enunciativos podem estar sendo afetados por uma ideologia que legitima discursos onde a disparidade entre os gêneros permanece. Há uma possibilidade de um outro sentido nesse dizer, diferente daquele que valoriza a participação feminina nos espaços públicos: ou seja, o fato de a mulher ser a única, pode significar também que o número de mulheres que alcançam esse patamar é restrito, diferentemente dos homens, cujos cargos de poder se multiplicam até dentro de uma mesma empresa; já o fato de o homem ser o único pode significar que o mesmo está cada vez mais se tornando a figura central num espaço há muito caracterizado como específico de mulheres.

Uma outra questão está relacionada ao verbo *tornar-se*. Este pode estar ligado à luta diária pelo direito de se inserir num espaço marcado pela presença masculina. Ele nos faz lembrar a proposição de Simone de Beauvoir, retomada pelas feministas da terceira fase do movimento: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. E tornar-se mulher em meio a discursos marcados pela misoginia, tornar-se visível numa sociedade que pregou por séculos o ocultamento feminino, tornar-se poderosa e respeitada exige uma batalha constante.

Os elementos destacados no recorte apontam para ideologias de gênero que valorizam a luta feminina em prol da sua visibilidade, da sua presença nos diversos espaços da sociedade, principalmente aqueles que antes eram destinados especificamente à figura masculina. Também ressaltam os papéis desenvolvidos pelos homens, sua presença nas relações de poder, nos movimentos que assumem configurações novas, constituindo-se de novos sentidos, os quais “são determinados pelas posições ideológicas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (ECKERT-HOFF, 2005, p.126). Por outro lado, retomam posições ideológicas que naturalizam discursos estereotipados acerca das condições de ser homem e ser mulher na sociedade. Nesse processo em que os dizeres se inter-citam, num jogo de palavras marcadas pela história, ideologia e relações de poder, ocorre a ilusão de que o sujeito é a origem do seu discurso, esquecendo-se que tudo o que diz está atrelado à ideologia que o interpela, que ele “não é responsável pelos efeitos de sentido do seu dizer, pois se inscreve num aparato ideológico que prescreve e normatiza sua conduta” (*Idem*, 2005, p. 127).

Passemos agora para a análise do terceiro (R3) e quarto (R4) recortes, em cujos discursos estão inseridos sentidos distintos para a profissão docente, quando relacionada ao masculino e ao feminino:

R3: Meu professor de Filosofia é sábio
(LD do 6º ano, questão 2 do exercício do tópico Construindo o Conceito, alternativa *a*, p. 144).

R4: Maria será, sem dúvida, **uma professora de mão cheia**.
(LD do 6º ano, questão 7 do tópico Semântica e Discurso, alternativas *b*, p. 147).

A proposta da atividade no exercício em que se insere o recorte três é que o aluno empregue o grau superlativo do adjetivo (analítico e sintético). Já no recorte quatro solicita-se que o aluno *leia as frases, observando o significado das palavras destacadas, considerando o contexto em que elas estão, depois dê o significado dessas expressões*. Como sugestão de resposta para o significado da expressão destacada neste recorte, há uma afirmação de que *uma professora de mão cheia* é “uma excelente professora, que gosta e entende da profissão”.

Embora o objetivo da proposta do exercício seja a exploração da gramática da língua portuguesa, é possível perceber um discurso apontando para uma memória

discursiva na qual a profissão docente masculina é constituída por sentidos diferentes, ao ser relacionada com a profissão docente feminina. Diferente do professor, visto como um orientador intelectual em séculos passados, a professora recebe qualificações que reiteram o discurso de que a docência feminina é uma continuidade da educação que se inicia no lar, assim as professoras devem exercer sua profissão por amor, sendo *mães espirituais* dos seus alunos, desenvolvendo essa atividade com excelência e dedicação. E se trabalham por amor, não há motivo para reivindicações de melhores condições de trabalho, tampouco por salários condizentes com as exigências dessa profissão (LOURO, 2006).

Outra questão é que o adjetivo *excelente* pode estar relacionado, aqui, a outros sentidos: ser nobre, respeitável, virtuosa, bondosa, o que remete ao pré-construído de que a professora deve ser exemplo para seus alunos, por isso deve estar sempre preocupada com seu comportamento na sociedade, uma vez que é nela que os alunos se espelham, porque também é responsável pela construção de valores que vão contribuir para a formação humana dos meninos e meninas que compõem a sua sala de aula (*Idem*).

Os recortes que seguem continuam marcados por discursos cujos sentidos diferenciam a atividade profissional desenvolvida pelo homem, daquela desenvolvida pela mulher. Vejamos:

R5: A balconista foi amável.
(LD do 6º ano, questão 2 do exercício do tópico Construindo o Conceito, alternativa *d*, p. 144).

R6: Os canavieiros se cortaram com a faca.
(LD do 6º ano, questão 1 do tópico Semântica e Discurso, alternativa *c*, p. 205).

R7: Todo o país lamentou a morte do seu presidente.
(LD do 6º ano, questão 6 do tópico Semântica e Discurso, alternativa *b*, p. 206).

R8: O guarda de trânsito detém o motorista infrator.
(LD do 6º ano, questão 4 do exercício do tópico De Olho na Escrita, alternativa *b*, p. 209).

R9: Os policial cercaro os bandido. / Os policiais cercaram os bandidos.
(LD do 7º ano, questão 3 do tópico Semântica e Discurso, alternativa *c*, p. 99).

R10: Aquela mulher ainda vira uma cantora de sucesso.

(LD do 7º ano, questão 1 do Exercício do tópico Construindo o Conceito, alternativa *b*, p. 115).

R11: O ator colocou a máscara no rosto./ O ator colocou-**a** no rosto.
(LD do 7º ano, exemplo do tópico Construindo o Conceito, p. 172).

R12: Ele é o atleta mais **rápido** da turma.
(LD do 7º ano, questão 8 do Exercício do tópico Construindo o Conceito, alternativa *b*, p. 232).

R13: O porteiro abriu a porta de entrada.
(LD do 8º ano, questão 6 do Exercício do tópico Construindo o Conceito, alternativa *c*, p. 64).

R14: A campanha tocou. / Os operários largaram o serviço.
(LD do 8º ano, questão 3 do Exercício do tópico Construindo o Conceito, alternativa *b*, p. 204).

A solicitação apresentada no recorte cinco (R5) é a utilização do grau superlativo do adjetivo (analítico e sintético). Já a proposta dos demais recortes aparece na seguinte ordem: *indicar ao menos dois sentidos para a ambiguidade causada pela frase e reescrevê-la, deixando-a com um único sentido* (R6); *completar a frase com todo ou todo o* (R7); *escrever a frase no plural* (R8); *reescrever a frase, usando a norma-padrão-formal* (R9); *completar a frase, usando um verbo de ligação* (R10); *exemplo do uso de pronomes pessoais* (R11); *indicar o sentido e a classe gramatical da palavra destacada* (R12); *passar as frases para a voz passiva analítica* (R13); *usar as conjunções coordenativas* (R14).

O discurso que se legitima no recorte cinco (R5) remete à memória de que qualidades como a docilidade, amabilidade e delicadeza eram requisitos considerados imprescindíveis para que as mulheres conseguissem se inserir no espaço público de trabalho, e isso lhes trazia não apenas desvalorização profissional e salários baixos, mas também a impossibilidade de se ascender profissionalmente, uma vez que poucas tiveram oportunidades para demonstrar que, assim como os homens, também tinham competência para exercer atividades diversas, dentre elas aquelas ligadas a cargos gerenciais. Assim, eles recebiam um tratamento diferenciado no ambiente de trabalho, podendo construir uma carreira profissional, ocupando cargos variados, enquanto elas, em sua maioria, continuavam numa posição subalterna. (DEL PRIORE, 2006; DEL PRIORE; AMANTINO, 2013; LOURO, 2003; 2006).

Nos demais recortes é possível identificar o discurso legitimado da presença masculina prevalecendo em cargos políticos (*presidente*), de comando e segurança (*guarda de trânsito, porteiro*), em profissões que exigem força corporal (*atleta*), e apesar da marcação do modelo universal para indicar o gênero do substantivo, ousamos dizer que esse discurso também prevalece quando faz referência a profissões de risco (*policiais*) e àquelas que exigem resistência e agilidade (*canaveiros e operários*).

É interessante observar, nessa relação de sentidos, que a única profissão que aparece marcada apenas pela presença feminina é a de *cantora*, mas a proposta do uso do verbo de ligação pode demonstrar um estereótipo relacionado a este ofício, já que o enunciado cria a possibilidade para se pensar que não há necessidade de esforço e trabalho para exercer tal profissão (*a mulher vira cantora*), o que remete à memória de que o artista não trabalha.

Considerações finais

As análises mostraram que, ao tratar de profissões, as propostas de atividades, bem como as sugestões de respostas apresentadas pelo livro didático aqui analisado materializam discursos estereotipados de gênero, constituindo sentidos que posicionam a profissão de homens e mulheres em situação de desigualdade.

Foi possível organizar os recortes analisados em três grupos com práticas discursivas diferentes:

O primeiro grupo, representado pelos recortes um (R1) e dois (R2), remete a uma memória discursiva que define o espaço doméstico, especificamente a cozinha, como característico do trabalho feminino, e o espaço público como específico do trabalho masculino. E quando as posições são trocadas, há um discurso de que chefiar o espaço doméstico, para o homem, é uma ação natural, enquanto gerenciar um espaço público, para a mulher, torna-se um desafio, por isso manter-se no poder é imprescindível para a conquista do respeito e da valorização profissional.

O segundo grupo, constituído pelos recortes três (R3) e quatro (R4), apresenta uma construção de sentidos que apontam para uma concepção de profissão docente que sobrecarrega mais a professora do que o professor, além de colocá-la numa posição desigual em relação a este, quando se trata da questão intelectual. O professor deve ser

sábio, porque a ele cabe apenas a tarefa de orientar os seus alunos na elaboração de conhecimentos. Já a professora parece só precisar entender o significado da profissão, compreender que à docência, para ela, soma-se o papel de ensinar também os valores e comportamentos necessários para uma boa convivência na sociedade.

O terceiro grupo, composto pelos recortes de cinco (R5) a catorze (R14), revela oposições entre profissões masculinas e profissões femininas, legitimando o discurso de que as atividades desenvolvidas por mulheres estão relacionadas com a delicadeza, a emoção e a fragilidade, enquanto as atividades desenvolvidas por homens estão ligadas à força, à racionalidade e à resistência.

Nesse contexto, as análises também apontam para a importância de dar continuidade a esse debate, uma vez que o livro didático é um dos recursos mais utilizados nas escolas brasileiras, fato que pode torná-lo, também, um propagador de discursos legitimados que influenciam as desigualdades, se não for utilizado sob a perspectiva de que a língua é opaca, de que não existe uma única possibilidade de interpretação, já que há lugares diferentes e discursos diversos afetando e interpelando os sujeitos que, constituindo-se conjuntamente com os sentidos, ao produzir os seus discursos ocupam posições que são historicamente estabelecidas.

JESUS SILVA, Florisbete de; GOMES DA SILVA, Edvânia; VENTURA DA SILVA, Adilson. Gender, discourse and meaning: men and women's occupation in the schoolbook. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 158-175, 2016.

***Abstract:** This article results from a research on the meanings of gender and occupation included in the schoolbook, which aimed to answer the following question: Which meanings of women and men's occupation are built in activities and suggested answers by authors of the schoolbook collection Português Linguagens [Brazilian Portuguese Languages] developed to the final years of Elementary School? To do so, we have extracted some parts from this collection, which were analyzed based on post-structural theory of gender and on Pêcheux's theory of discourse and meaning. The results revealed that, when it comes to occupations performed by men and women, inequality is still a discourse mark in the schoolbooks.*

Keywords: Gender. Discourse. Meaning. Occupation. Schoolbook.

Submetido em: 17/05/2016.

Aceito em: 28/07/2016.

Referências

ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: a experiência de vida. 4. ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

_____. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 4. ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 8. ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CORRÊA, M. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. **Cadernos Pagu**, n. 16, p. 13-30, 2001.

DEL PRIORE, M. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 78-114.

DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M. (Orgs.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

ECKERT-HOFF, B. (Re) buscando Pêcheux: algumas reflexões in-certas. In: FERREIRA, M. C. L.; INDURSKY, F. **Michel Pêcheux e a análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L., NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

ORLANDI, E. P. **Mai de 1968**: os silêncios da memória. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 4. ed. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2006.

_____. **Papel da Memória**. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 2007.

_____. A língua inatingível. In: ORLANDI, E. (Org.). **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Campinas: Pontes, 2014a.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014b.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, v. 16, n. 2, p. 19, 1989.

SCOTT, J. W. *et al.* Os usos e abusos do gênero. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. e-ISSN 2176-2767; ISSN 0102-4442, v. 45, p. 327-351, 2012.

VALCÁRCEL, A. **O que é o feminismo e que desafios apresenta?** Em busca da plena cidadania das mulheres. Comunicação apresentada no congresso Hacia la Plena Ciudadanía de las Mujeres, Barcelona, 21-23 de abril, 2004. Disponível em <<http://www.diba.cat/urba12/cdseminari/ponencias/ameliavalcarcelportu.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

ZÍLIO, K. C. S. **Os sentidos que (re) fazem o sentido**. V SIMFOP – Simpósio sobre a Formação de Professores. Campos Universitário de Tubarão, 2013. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/>>. Acesso em: 30 jun. 2016.